

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: O SANEAMENTO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DA ANÁLISE DA OBRA “O CORTIÇO”

Data de aceite: 01/07/2024

Alberto Martins Barros

Deise dos Santos Faustino

<http://lattes.cnpq.br/2646155090379113>

Diego Januário Barros

<http://lattes.cnpq.br/1824123705063411>

William Cosme de Souza Bannitz

<http://lattes.cnpq.br/9551244074890798>

RESUMO: A apropriação da literatura pela geografia permite considerar a escala espaço-tempo em diferentes análises por meio do olhar e percepção do observador, identificando paisagens e as interações humanas nesse ambiente, tal como entender relações interpessoais e discussões cotidianas, indicando que a construção do espaço não está ligada apenas a sua produção material. Dessa forma, o presente artigo possui o objetivo de propor uma avaliação da questão sanitária da cidade do Rio de Janeiro por meio da leitura da obra *O Cortiço* (1890), escrita por Aluísio Azevedo. Foi realizada uma minuciosa leitura do livro e posteriormente foi feito um levantamento de informações de saneamento da cidade, comparando e analisando diferentes períodos da cidade. Assim, por meio de uma de uma

construção interdisciplinar, o livro nos revela marcas e formas da paisagem carioca que permanecem até os dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Saneamento, Literatura, Geografia, Interdisciplinaridade, Complexidade Ambiental, Paisagem.

BETWEEN THE PAST AND THE PRESENT: THE SANITATION OF THE CITY OF RIO DE JANEIRO THROUGH THE ANALYSIS OF THE WORK “O CORTIÇO”

ABSTRACT: The appropriation of literature by geography allows us to consider the space-time scale in different analyzes through the observer's gaze and perception, identifying landscapes and human interactions in this environment, as well as understanding interpersonal relationships and everyday discussions, indicating that the construction of space does not it is linked only to its material production. Therefore, this article aims to propose an assessment of the health issues in the city of Rio de Janeiro through reading the work *O Cortiço* (1890), written by Aluísio Azevedo. A thorough reading of the book was carried out and subsequently a survey of city sanitation information was carried out, comparing and

analyzing different periods in the city. Thus, through an interdisciplinary construction, the book reveals marks and forms of the Rio landscape that remain to this day.

KEYWORDS: Sanitation, Literature, Geography, Interdisciplinarity, Environmental Complexity, Landscape.

INTRODUÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro revela marcas de processos de reformas urbanas provenientes de políticas adotadas ao longo de sua ocupação. Construída e expandida a partir de sua área central, leva na transformação de sua paisagem uma junção e sobreposição de elementos humanos e físicos. Esses processos refletem-se até os dias de hoje em uma série de desigualdades socioambientais.

A desigualdade ambiental pode ser definida como a exposição diferenciada de grupos sociais a situações de risco ambiental (BORELLI, 2011). Portanto, os problemas ambientais são paralelos às desigualdades sociais, sobretudo em grandes centros urbanos.

O desenvolvimento geográfico desigual da região central - simultâneo com suas múltiplas espacialidades -, serviu como inspiração para diversos escritores brasileiros, como Aluísio Azevedo, Machado de Assis e Lima Barreto - sobretudo a partir do final do século XIX e início do século XX. De forma descritiva e algumas vezes crítica, a literatura expressa as múltiplas contradições na formação do espaço.

Ao lermos uma obra literária não podemos procurar isoladamente as categorias sociais, pois estão intimamente relacionadas ao contexto histórico, ao espaço, à cultura, ao meio físico, que irão interferir nas condições sociais em questão (SILVA *et al.* 2015).

Trabalhando em diferentes escalas – desde relações interpessoais na escala do lugar, até descrições da paisagem –, a literatura traz subjetividades contidas nas relações humanas em meio a uma determinada conjuntura socioambiental e materialidades observadas na paisagem. Tratar a geografia e a literatura como universos opostos por pertencerem a diferentes áreas do conhecimento, sendo a primeira pertencente à ciência e a segunda à arte, é um equívoco. A união destas permite que desenvolvamos uma percepção crítica do espaço e das diversas relações cotidianas que nos acompanham (SILVA *et al.* 2015), pois o processo de produção do espaço não se reduz à produção material do mundo (CARLOS, 2011).

Obras literárias estão relacionadas a diferentes momentos históricos, espaciais, culturais e físicos. Assim, a presente pesquisa utilizará o livro *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, como recorte histórico e indicador de desigualdades socioambientais por meio de sua caracterização sanitário-ambiental, estabelecendo relações entre os contextos descritos na leitura com o panorama sanitário da cidade nos dias de hoje.

O livro destaca a influência do meio no comportamento dos indivíduos, condicionando suas ações. Ao longo de 23 capítulos, *O Cortiço* narra questões vigentes à época: a insalubridade, violência, exploração da mão de obra, superpopulação, desigualdade social, entre outros.

POR UMA GEOGRAFIA INTERDISCIPLINAR: A COMPLEXIDADE AMBIENTAL

No último terço do século XX, a partir da década de 1970, as ciências naturais e humanas passaram a abordar de forma mais recorrente a necessidade de pensar modos de agregar o desenvolvimento econômico com a preservação da natureza após seguidas décadas de devastação intensificadas, sistematizando uma problemática acerca deste fenômeno. Desse modo, a questão ambiental surge como uma forma de fomentar as discussões acerca da crise da sustentabilidade e repensar a produção e reprodução do ser humano no mundo a partir de seu estilo de vida e práticas cotidianas.

As ciências se apresentam de forma atomizada, analisando os fenômenos de forma dissociada e estratificada. Segundo o sociólogo e filósofo Edgar Morin, à luz de Estrada (2007), parte de fenômenos, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagonistas, respeita as coerências diversas que se unem em dialógicas e poliológicas e, com isso, enfrenta a contradição por várias vias. A hiperespecialização dos saberes disciplinares reduziu a migalhas o saber científico (MORIN, 2005). Dessa forma, a separação e atomização das ciências e saberes tornou mais distante uma compreensão holística dos fenômenos espaciais. Morin critica a especificidade e a fragmentação das ciências que não compreendem o ser humano e o mundo como um sistema único que, de certa forma, se constroem reciprocamente. Tal realidade faz com que seja necessário o diálogo entre os diferentes campos científicos, considerando os pontos onde é possível realizar a ligação dos diferentes saberes (MACHADO, 2017).

Assim, a complexidade ambiental extrapola os limites do que se entende na construção do imaginário popular da natureza como algo puro ou intocado. Elementos culturais, técnicos e científicos devem ser levados em consideração. Leff (2003) a constitui como uma racionalidade e um pensamento a respeito da produção do mundo embasado no conhecimento, na ciência e na tecnologia como o espaço onde se articulam a natureza, a técnica e a cultura. Nesse sentido, o próprio espaço e sua produção oferecem representações materiais e imateriais, objetivas e subjetivas, reais e fictícias. Portanto, a complexidade ambiental é definida como um processo de reconstrução de identidades resultantes da hibridação entre o material e o simbólico; um campo formado por atores sociais que se mobilizam para fazer uso da natureza; uma cultura que possibilita a construção de novas visões e o surgimento de novas estratégias de produção sustentável e democracia participativa (LEFF, 2003).

Desse modo, a complexidade ambiental emerge como uma necessidade científica para refletir acerca dos modelos de desenvolvimento e produção humana no espaço como maneira de repensar práticas cotidianas em prol do desenvolvimento da cidade de forma sustentável, sendo necessário articular um movimento capaz de pensar a problemática ambiental – em qualquer escala de análise –, a partir de reflexão sobre o indivíduo e também sobre a produção humana de forma coletiva no planeta.

[...] tornou-se muito difícil e insuficiente falar de meio ambiente somente do ponto de vista da natureza quando se pensa na problemática interação sociedade-natureza do presente, sobretudo no que concerne países em estágio de desenvolvimento complexo. (MENDONÇA, 1993).

Leff (2003) aponta que a necessidade de uma estratégia epistemológica para a interdisciplinaridade ambiental adquire sentido para enfrentar as ideologias teóricas de um pragmatismo funcionalista que não só desconhecem o processo histórico de diferenciação, de constituição e especificidade das ciências e os saberes, como também desconhecem as estratégias de poder no conhecimento que existem no terreno ambiental. Desta maneira, o conceito de complexidade ambiental é intrínseco à ideia de interdisciplinaridade. O termo interdisciplinaridade vem sendo usado como sinônimo e metáfora de toda interconexão e colaboração entre diversos campos do conhecimento e do saber dentro de projetos que envolvem tanto as diferentes disciplinas acadêmicas, como as práticas não científicas que incluem as instituições e atores sociais diversos (LEFF, 2011). A interdisciplinaridade implica um processo de inter-relação de processos, conhecimentos e práticas que transborda e transcende o campo da pesquisa e do ensino no que se refere estritamente às disciplinas científicas e a suas possíveis articulações (LEFF, 2003).

[...] a noção de interdisciplinaridade se aplica tanto a uma prática multidisciplinar (colaboração de profissionais com diferentes formações disciplinares), assim como ao diálogo de saberes que funciona em suas práticas, e que não conduz diretamente à articulação de conhecimentos disciplinares, onde o disciplinar pode referir-se à conjugação de diversas visões, habilidades, conhecimentos e saberes dentro de práticas de educação, análise e gestão ambiental, que, de algum modo, implicam diversas “disciplinas” – formas e modalidades de trabalho – , mas que não se esgotam em uma relação entre disciplinas científicas, campo no qual originalmente se requer a interdisciplinaridade para enfrentar o fracionamento e a superespecialização do conhecimento [LEFF, 2011].

Nesse sentido, esta forma de lidar com o real precisa reconhecer que a complexidade não tem por objetivo eliminar o pensamento simplificador ou desconsiderar sua existência e seu valor, mas é preciso identificar as diferentes partes que constituem o real, unindo-as não apenas de forma somativa, mas permitindo que os dados específicos de cada parte possam se entrelaçar com outros, e assim descobrir uma nova realidade que não é completa, nem acabada, ao mesmo tempo em que não resulta apenas da soma das partes anteriores, mas é uma nova forma de ver, pensar e agir (MACHADO, 2017). Tal perspectiva demanda um compromisso do pesquisador em trabalhar a comunidade partindo de uma visão complexa e dialética do mundo: perspectiva complexa por levar em consideração não somente as relações causais e de tensão no processo, mas também as interconectividades; perspectiva dialética, por conter no interior do movimento social, histórico, cultural, a tensão e a contradição como uma constante (NOGUEIRA, 2009).

Tendo o espaço como principal objeto conceitual da geografia, não se apropriar de outras ciências para buscar uma melhor compreensão do Todo seria negligenciar a própria ciência geográfica. Edgar Morin e Milton Santos se complementam apesar de não possuírem a mesma formação acadêmica. Ambos acreditam em um espaço geográfico complexo e dialético no qual as partes compõem o Todo e o Todo explica as partes. Morin (2005) afirma que será preciso ver se há um modo de pensar, ou um método capaz de responder aos desafios da complexidade. Não se trata de retomar a ambição do pensamento simples, que é a de controlar e dominar o real. Trata-se de exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar (MORIN, 2005).

Brunet (2001) nos traz a perspectiva que o espaço é o produto que se torna condição de existência de seu próprio produtor, portanto, os procedimentos e análises metodológicas de diferentes ciências e formas de produzir conteúdo científico podem por vezes parecer se opor, entretanto, elas se complementam se partimos da premissa que seus objetivos visam buscar uma melhor compreensão da totalidade por meio de diferentes óticas em suas variadas escalas.

Santos (2014) contribui brilhantemente em nossa construção teórica ao nos trazer a ideia na qual indica que a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a totalidade que explica as partes. Ainda seguindo o diálogo com Santos, o Todo não é uma mera soma das partes, é maior que isso. O autor nos traz um exemplo didático no qual afirma que

[...] tomemos o caso de uma dada sociedade, uma Formação Social. O que a caracteriza no Tempo 1 não é aquilo que a define no Tempo 2. [...] No Tempo 2, encontraremos situações diferentes daquelas do Tempo 1 [...] o Todo é diferente do Todo anterior (SANTOS, 2014).

Santos (2014) continua e afirma que quando a sociedade muda, o conjunto de funções muda em quantidade e em qualidade.

A ideia que domina todo o progresso da geografia é a unidade terrestre, a concepção da Terra como um todo, cujas partes estão coordenadas e no qual os fenômenos se encadeiam e obedecem às leis gerais que derivam os casos particulares (LA BLACHE, 1954 *apud* MOREIRA, 2007). O olhar holístico, e ao mesmo tempo estratificado, sobre o fenômeno deve acompanhar o geógrafo. Enxergar essa espacialidade diferencial, tal como conceitua Lacoste (1988), faz a condição de ser geógrafo por meio do foco do olhar que identifica, personaliza, interliga, assemelha e diferencia a superfície terrestre (MOREIRA, 2007).

A QUESTÃO URBANA DA CIDADE NO CONTEXTO DE *O CORTIÇO*

Novas perspectivas devem ser agregadas em análises geográficas buscando formas de compreender melhor o espaço e suas especificidades. Nesse sentido, a literatura surge como um elemento mediador entre a pesquisa geográfica e a produção cotidiana e cultural do espaço. A obra literária utilizada no presente trabalho é constituída por percepções e relações diárias, permitindo o leitor adentrar na paisagem carioca e sua vida cotidiana na parte final do século XIX.

Não há nada “puramente” social ou natural na cidade. [...] a cidade é, ao mesmo tempo, natural e social, real e fictícia. Na cidade, sociedade e natureza, representação e ser são inseparáveis, mutuamente integradas, infinitamente ligadas e simultâneas; essa “coisa” híbrida sicionatural chamada cidade é cheia de contradições, tensões e conflitos (SWYNGEDOUW, 2001)

Em vista disso, a literatura surge como arte e conhecimento, e expressa a condição humana e sua existência (MARANDOLA, GRATÃO, 2009). Tal afirmação é de extrema importância ao analisar *O Cortiço* e estabelecer relações com a ciência geográfica e a dinâmica da cidade para analisá-la de forma crítica e estabelecer pontos comparativos entre momentos históricos distintos.

À esquerda, por cima de um vestígio de rio, que parecia ter sido bebido de um trago por aquele sol sedento, havia uma ponte de tábuas, onde três pequenos, quase nus, conversavam assentados, sem fazer sombra, iluminados a prumo pelo sol do meio-dia. Para adiante, na mesma direção, corria um vasto telheiro, velho e sujo, firmado sobre colunas de pedra tosca; aí muitos portugueses trabalhavam de canteiro, ao barulho metálico do picão que feria o granito (AZEVEDO, 1890; P.61).

O trecho citado descreve o trabalho feito na pedreira para extrair minerais, produzindo material de construção com excelência, caracterizando-se como um elemento na paisagem nos dias de hoje - sendo parte dos cortiços que inspiraram Aluísio Azevedo localizados entre a Rua Assunção e a Rua Marechal Niemeyer, estando ambas ruas próximas e limitadas por morrotes, a poucos quilômetros de onde localizam-se hoje a Favela Santa Marta e do Morro Dona Marta, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. Na figura 1, é possível visualizar um antigo cortiço localizado na esquina da Rua Marechal Niemeyer com a Rua Bambina como uma marca da paisagem do bairro de Botafogo.

Cada objeto permanece na paisagem, cada campo cultivado, cada caminho aberto, poço de mina ou represa constitui uma objetificação concreta de uma sociedade e de seus termos de existência. As gerações vindouras não podem deixar de levar em conta essas formas. [...] qualquer ponto do tempo, a paisagem consiste em camadas de formas provenientes de seus tempos progressos, embora estes apareçam integrados ao sistema social presente, pelas funções e valores que podem ter sofrido mudanças drásticas. [...] em face à durabilidade das formas, a construção da paisagem converte-se em um legado aos tempos futuros, por isso, as transformações da sociedade são, em certa medida, limitadas e dirigidas pelas formas preexistentes (SANTOS, 1985)

A Rua do Ouvidor é um exemplo desta construção de Santos (1985), concentrando no final do século XIX e início do século XX comércios elegantes administrados por franceses e limitados a determinados grupos sociais mais abastados, sendo citado na literatura analisada como um espaço que abrigava charutarias e permitia personagens explorarem o ócio e contemplarem o fluxo da cidade. Nos dias de hoje, a Rua do Ouvidor se destaca na paisagem pelo seu excesso de formalidade comercial em meio a toda uma informalidade em seu cruzamento com a Rua Uruguaiana.



Figura 1: Antigo cortiço na Rua Marechal Niemeyer com a Rua Bambina, no bairro de Botafogo-RJ

Fonte: Custódio Coimbra / Agência O Globo, 2013

O saneamento, o meio ambiente, a problemática urbana e a saúde dialogam poeticamente ao longo de todo o livro escrito por Aluísio Azevedo, demonstrando uma notável relação entre tais elementos e a reprodução da vida cotidiana carioca no momento histórico descrito no livro. No presente trabalho, a literatura surge como um importante elemento de descrição da paisagem, das relações cotidianas e registro histórico para compreender a produção e reprodução espacial da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Afinal, a literatura é uma das maneiras de ver o mundo e traz consigo a possibilidade de transformá-lo através da linguagem. Um mundo talvez muito mais real e coeso do que a própria realidade, pois permite olharmos o mundo de fora, livre da máscara social (MORAES, 2012).

A paisagem são os aspectos perceptíveis do espaço geográfico, isto é, a forma como compreendemos o mundo a partir de nossos sentidos, tais como a visão, o olfato, o paladar, entre outros (TUAN, 2012). Entretanto, a percepção e construção da paisagem vão além de sentidos humanos. Na paisagem, as camadas de produções e subjetividades espaciais acumulam-se, refletindo tanto em sua construção quanto como a enxergamos

e, por ser incessante no espaço e no tempo, a paisagem é resultado de um processo de acumulação do visível e do invisível (MELO, LIMA, 2018). A paisagem não é estática, ela é dinâmica e se move de acordo com as mudanças e relações políticas, ambientais, econômicas e culturais da sociedade.

A primeira edição do livro *O Cortiço* foi publicado no ano de 1890, descrevendo cenários vividos a partir da segunda metade do século XIX, em momento de enorme crescimento demográfico em um espaço, apesar de altamente já modificado, ainda limitado por morrotes, pântanos e mangues. Parte das paisagens descritas por Aluísio Azevedo retratam a realidade de populações mais pobres na cidade. A falta de investimentos em políticas públicas habitacionais para as populações de maior vulnerabilidade socioeconômica gerou um grave problema relacionado às moradias precárias e inadequadas que persistem até os dias de hoje no Rio de Janeiro.

Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem. [...] e naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco. Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. (AZEVEDO, 1890.)

Aluísio de Azevedo era um autor de estilo naturalista, baseando-se em uma descrição da realidade de acordo com o cotidiano vivido, no qual os personagens são moldados e condicionados pelo ambiente em que vivem, afinal, é através do espaço - e no espaço -, ao longo do processo histórico, que o homem produz a si mesmo (CARLOS, 2011).

O atual modelo de desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro prioriza a revitalização das zonas centrais da cidade, produzindo espaços que visam atrair o turismo e o corporativismo em detrimento das populações que vivem ali, desencadeando e alimentando um forte processo de gentrificação. Na paisagem é possível enxergar tais contrastes materializados. Seguindo a lógica de materialidades e relações que extrapolam o espaço-tempo, as condições de trabalho, que geram diversos debates e conflitos nos dias atuais são exploradas por Aluísio Azevedo no livro.

[...] via-se uma miserável estrebaria, cheia de capim seco e excremento de bestas, com um lugar para meia dúzia de animais. Estava deserta, mas no vivo fartum exalado de lá, sentia-se que fora habitada ainda aquela noite. [...] Aqueles homens gotejantes de suor, bêbados de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra. (AZEVEDO, 1890, P.61)

O crescimento do cortiço “São Romão”, no bairro de Botafogo, é o palco de diversas interações sociais que são descritas por Aluísio de Azevedo. A ascensão econômica de João Romão - dono do cortiço e da pedreira -, por meio do aluguel de quartos e a exploração de recursos minerais -, explicitam relações hierárquicas e exploração do trabalho.

Nesse momento de constantes transformações, destacam-se as relações que ocorrem em um espaço físico limitado, estratificado em classes sociais e demonstrando que o ambiente pode gerar fortes influências nos comportamentos humanos. Portanto, são levantadas questões marcadas pela predominância de embates raciais, do ócio, da sensualidade, prostituição, adultério, inveja, imoralidade, injustiças, tristeza, incêndio, revolta, em que os destinos dos personagens estão vinculados a um ambiente contraditório, tumultuado e desigual (MELO, LIMA, 2018).

O SANEAMENTO NA CIDADE

Entre muitos desmontes e construções, as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX em prol de um ideal desenvolvimentista negligencia não apenas a paisagem natural, como também camadas sociais menos abastadas e produz a cidade para determinados grupos sociais com consequências espaciais e ambientais que se manifestam nos dias de hoje.

Inibidos pelos custos dos aluguéis e dos terrenos, impossibilitados de produzir a sua própria moradia, incapacitados de adquiri-la ou alugá-la no mercado formal - mercado de casas comuns, individuais, e não coletivas -, e ainda premidos pela necessidade de estarem próximos ao emprego, os grupos sociais de menor renda terão, como única alternativa, o aluguel de precárias habitações coletivas (SANTOS, 2012).

Ano	1870	1890	Crescimento
População	191.002	425.386	122,7%

Tabela 1: Crescimento populacional entre 1870 e 1890

Fonte: Censo de 1920, adaptado por Gomes (2009)

Ano	1870	1890	Crescimento
Nº de domicílios	34.792	60.619	74,2%

Tabela 2: Crescimento domiciliar entre 1870 e 1890

Fonte: Censo de 1920, adaptado por Gomes (2009)

Ano	1869	1888	Crescimento
Nº de habitações coletivas	642	1331	107,3%

Tabela 3: Crescimento cortiços e estalagens

Fonte: Pimentel (1890) adaptado por Gomes (2009)

Problema crônico carioca, o Rio de Janeiro passou por graves questões de habitação em seu crescimento populacional ao longo do século XIX. A vinda da família real portuguesa e a instalação da Corte na cidade deu início a um grande aumento demográfico, duplicando a população em duas décadas ao final do século por conta de uma grande massa de imigrantes, sobretudo italianos.

Em um primeiro momento (1870-1890), caracterizado pela emergência da escassez da moradia, podemos identificar primeiramente um grande crescimento populacional, justificado pelos enormes fluxos de migrantes que ancoravam na cidade todos os dias. De origens diversas, a chegada cada vez mais intensa daqueles imigrantes de origem européia e dos recém-saídos das lavouras do café no Vale do Paraíba serviria para agravar ainda mais a já crítica situação habitacional (GOMES, 2009).

Os dados apresentados das tabelas 1 e 2 revelam uma assimetria entre o crescimento populacional e o crescimento de domicílios. Em contraponto, através da análise da tabela 3, é possível perceber um considerável crescimento no número de cortiços na cidade (107,3%) ao longo de quase duas décadas.

A partir de 1870, grandes secas assolam a cidade do Rio de Janeiro e foram agravadas pelo aumento populacional e por danos ambientais causados às nascentes dos rios, afinal as matas e florestas de seu entorno passaram a ser derrubadas, em geral, para atender ao comércio de lenha e carvão, às construções das habitações e à cultura de café que surgia na cidade (RODRIGUES, MIRANDA, 2014). Tal consonância urbano-ambiental influenciou diretamente na questão sanitária da cidade, evidenciando e agravando os problemas em seu sistema de saneamento.

Diante das péssimas condições sanitárias, com base na Lei nº 719, assinada por D. Pedro II e aprovada pelo Decreto nº 1929¹ de esgotamento sanitário do Rio de Janeiro, foi desenvolvido um projeto para a construção de uma rede de esgotos na cidade, entregue à Companhia Inglesa “*City Improvements*” (RODRIGUES, MIRANDA, 2014). Posteriormente, por meio do Decreto nº 8387², a medicina aproxima-se de forma mais acintosa da gestão pública de modo que não cuidasse meramente da saúde e cura de doenças, mas também se apresenta como instrumento de controle social e moral.

Assim, fomentado por preocupações sanitárias por conta do constante crescimento de epidemias de cólera e febre amarela ao longo das décadas de 1840 e 1850, o Rio de Janeiro foi pioneiro na preocupação com a questão sanitária - atrás apenas de Londres, na Inglaterra, e Hamburgo, na Alemanha -, sendo a terceira cidade no mundo a construir uma própria rede de esgoto e sendo a segunda capital do mundo a possuir uma rede própria de esgoto. No ano de 1864, no bairro da Glória, foi inaugurada a primeira estação de tratamento de esgoto da cidade, e cerca de 20 anos depois 62% dos imóveis já possuíam coleta de esgoto³.

1. “Approva o contracto para o serviço da limpeza das casas da Cidade do Rio de Janeiro, e do esgoto das aguas fluviaes, em virtude do que dispõe o § 3.º do Art. 11 do Decreto N.º 719 de 28 de Setembro de 1853.” (DECRETO n. 1929, 1853).”

2. “Investigar e indicar todas as providencias necessarias para melhorar as condições hygienicas da cidade no tocante a limpeza, esgotos, irrigação, dessecamento de pantanos, abastecimento d’agua. Ter sob sua vigilancia os estabelecimentos publicos e particulares que requerem cuidados especiaes, como sejam: prisões, quartéis, arsenaes, officinas, theatros, collegios, asylos, hospitaes, casas de saude, de maternidade e de banhos, hoteis e estalagens (quaesquer que sejam suas disposições e denominação), dormitórios publicos e em geral todos os estabelecimentos onde houver agglomeração de individuos; inspecionar as casas em que viverem reunidas mulheres publicas; e propôr todas as medidas que com relação a taes casas e estabelecimentos reclamar a hygiene publica” (DECRETO n. 8387, 1882).”

3. Informações retiradas do jornal O Globo, em matéria publicada pelo jornalista Guilherme Ramalho, em Abril de 2017.

Entretanto, o pioneirismo e os investimentos em saneamento não acompanharam o crescimento urbano da cidade ao longo das décadas. Ainda que políticas de saneamento tivessem sido adotadas para reduzir os problemas sanitários da cidade, a forma higienista que foram aplicadas representaram uma nova tensão social. As reformas urbanas no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, visavam a 'higienização' da cidade, e o seu embelezamento (RODRIGUES, MIRANDA, 2014).

Segundo o SNIS⁴, em 2015, apenas cerca de 50% dos brasileiros tinham acesso à coleta de esgoto. Ou seja, cerca de metade da população brasileira, até 2015, utilizavam métodos alternativos para lidar com os dejetos produzidos em sua residência, sendo boa parte desse esgoto jogado diretamente em corpos hídricos. Parte dessa população que tem coleta de esgoto tem o seu material tratado, apenas 42,7%. Ainda de acordo com o SNIS, o panorama quanto ao abastecimento de água é mais positivo, cerca de 83% das pessoas têm acesso, porém cerca de 35 milhões de pessoas ainda não têm acesso à água, o que é um número considerável de pessoas sem acesso a abastecimento⁵.

Para o IBGE⁶ (2017), o cenário de abastecimento de água é mais favorável em relação ao SNIS: menos de 1% dos municípios brasileiros não são contemplados com abastecimento de água e 60,3% dos municípios têm serviço de esgotamento sanitário coleta de esgoto, sendo tratado apenas 62,8% do esgoto coletado⁷.

Portanto, é essencial que a morada urbana seja contemplada por serviços que forneçam estruturas para a manutenção e reprodução da vida humana com dignidade. Borelli (2011) afirma que é imprescindível que a habitação urbana esteja conectada às redes de infraestrutura, compreendendo água, esgoto, energia elétrica, drenagem pluvial, pavimentação, além de poder contar com serviços de apoio, tais como, transporte coletivo, coleta de lixo, educação, saúde, abastecimento, uma vez que a sua ausência acarretará danos sociais e ambientais. O saneamento ambiental compõe um leque de sistemas que congrega de forma integrada sistemas de abastecimento de água, esgotamento sanitário, drenagem de águas pluviais e coleta de lixo (CARNEIRO, MIGUEZ, 2011). Os impactos causados pela intensa urbanização degradante podem ser minimizados através de planejamento territorial, gestão de recursos e conscientização social.

Através da história humana, os principais problemas de saúde enfrentados pelos homens têm tido relação com a vida em comunidade (ROSEN, 1958, *in*: RIBEIRO, 2004). As condições e relações de trabalho associadas com as condições de habitação de caráter comunitário refletem diretamente na qualidade de vida dos moradores dos cortiços da cidade do Rio de Janeiro nesse momento histórico. O aglomerado de pessoas em um espaço limitado e carente de serviços básicos de saneamento, circulação de ar e higiene serviu como um enorme atrativo para o desenvolvimento de epidemias que custaram a vida das pessoas. Todo esse processo representa uma injustiça socioambiental (RODRIGUES, MIRANDA, 2014).

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/saneamento-em-busca-de-solucao-desde-seculo-xix-21183807> >

4. Sistema Nacional de Informação sobre o Saneamento.

5. Dados retirados a partir do Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgoto de 2015 (SNIS, 2015).

6. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

7. Dados obtidos a partir da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2017 (IBGE, 2017).

À proporção que alguns locatários abandonavam a estalagem, muitos pretendentes surgiam disputando os cômodos desalugados. Delporto e Pompeu foram varridos pela febre amarela e outros três italianos estiveram em risco de vida. O número de hóspedes crescia; os casulos subdividiam-se em cubículos do tamanho de sepulturas; e as mulheres iam despejando crianças com a regularidade de gado procriador (AZEVEDO, 1890).

Em determinados momentos havia confusão e incerteza para diferir espaços destinados à realização da higiene pessoal com ambientes de convívio coletivo e plantação:

As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. As crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas (AZEVEDO, 1890.).

Epidemias de cólera e febre amarela assolaram a cidade ao longo de todo o século XIX e parte do século XX. As populações mais pobres tornam-se as mais vulneráveis nesse tipo de condições de vida produzidas e reproduzidas nos cortiços da cidade.

Quero isto limpo (bramava furioso)! Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! Tomara que a febre amarela os lamba a todos! (AZEVEDO, 1890.)

O passado e o presente se encontram no Rio de Janeiro na questão habitacional insalubre e condições sanitárias decadentes. A negligência de gestores públicos com o crônico problema habitacional da cidade coincide entre os momentos de transformações do século XIX com os momentos de mudanças espaciais do século XXI.

Em entrevista para o jornal O Globo⁸, em Abril de 2017, Rodrigo César Magalhães, historiador e professor de história, afirmou que a cidade reunia diversos fatores que propiciavam o surgimento de uma epidemia de febre amarela:

É um milagre que a gente não tenha nenhum caso de febre amarela urbana na cidade do Rio porque todas as condições propícias para o desenvolvimento do mosquito estão dadas há décadas. Há um amontoado de pessoas, sobretudo nas regiões mais carentes, falta um sistema de água encanada que atinja toda a população, o que leva as pessoas a estocar água, favorecendo criadouros para mosquitos e falta saneamento básico para todas as regiões (MAGALHÃES, 2017 *in*: O GLOBO, 2017.).

Pouco menos de um ano após a entrevista concedida por Magalhães, o estado do Rio de Janeiro já havia registrado 60 mortes e 150 casos de pessoas infectadas por febre amarela, em Março de 2018⁹.

8. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/saneamento-em-busca-de-solucao-desde-seculo-xix-21183807>>.

9. Informação retirada de publicação do jornal G1 Globo, de Março de 2018, baseando-se em informações cedidas pela subsecretaria de Vigilância Sanitária. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/rj-chega-a-150-casos-de-febre-amarela-em-2018-60-pessoas-morreram.ghtml>>

A OMS¹⁰ prevê que para cada dólar gasto em saúde, 4,3 dólares são economizados na saúde pública. Para a FIRJAN¹¹ (2017), a cada R\$1000,00 gastos em saneamento no Estado do Rio de Janeiro há um retorno de R\$1700,00 em saúde a médio-longo prazo. A partir dessas afirmações é possível constatar que investimentos em saneamento básico não representam meros gastos, e sim, a médio-longo prazo, uma grande economia nos gastos de saúde pública.

A falta de serviços básicos de saneamento como coleta de lixo, esgoto e abastecimento de água representam um grande problema ambiental que é refletido diretamente no sistema de saúde público. Os incompatíveis investimentos em saneamento, infraestrutura urbana e drenagem marcam o cenário de uma cidade extremamente caótica em períodos de chuva, expondo grande risco a sua população - sobretudo os mais pobres.

Tipo de serviço	Valor (R\$ milhões)	Peso sobre o total
Abastecimento de água	2.648,9	13%
Coleta de esgoto	7.938,7	39%
Tratamento de esgoto	9.560,5	47%
Total	20.148,2	100%

Tabela 4: Necessidades de investimentos nos municípios fluminenses para atingir os objetivos do Plano Nacional de Saneamento Básico

Fonte: FIRJAN (2017)¹²

Na tabela 4, de acordo com a FIRJAN (2017), estima-se que é necessário investir pouco mais de 20 bilhões de reais no estado Rio de Janeiro distribuídos entre serviços de abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto para cumprir uma das principais metas do PLANSAB¹³: sanar a maior parte dos problemas de saneamento entre 2013 e 2033. Ou seja, isso totaliza 1.3bi por ano, o que representa um aumento de 56% ao que foi investido entre 2011 e 2015: 809mi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do presente trabalho é possível detectar diversas contradições e desigualdades que revelam problemas crônicos ao longo da formação espacial do Rio de Janeiro. Vale dizer que a abrangência literária não se restringe apenas na descrição da paisagem, ela pode e deve ir além disso, abrindo-se a novas proposições de estudo (NETO, 2018).

Desse modo, vale destacar que as desigualdades sociais são intrínsecas às desigualdades ambientais. Populações mais pobres historicamente costumam sofrer mais com desastres ou problemas ambientais. Assim, a adoção de políticas sanitárias higienistas representam fortes injustiças ambientais¹⁴ no fim do século XIX e início do século XX.

10. Organização Mundial da Saúde.

11. Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.

12. Segundo o Sistema FIRJAN, a seguinte tabela foi elaborada a partir de dados extraídos do IBGE, do Plano Nacional de Saneamento Básico, da Sabesp e SNIS.

13. Plano Nacional de Saneamento Básico.

14. "Como conceito e movimento, a justiça ambiental constitui-se em vetor importante de contestação ao modelo de de-

A análise comparativa entre dois períodos distintos da cidade permite, segundo Rodrigues e Miranda (2014), trazer à tona uma análise da gênese das mazelas socioambientais e de seus mecanismos discriminatórios, pois nos dias atuais confirmam-se estes mecanismos discriminatórios. Dessa forma, Carlos (2011) conclui que ter sido é uma condição para ser.

As grandes obras de sanitárias do século XIX que colocam o Rio de Janeiro como uma das capitais pioneiras do mundo em relação a saneamento ambiental são controversas. Serviram à uma pequena parte da região central, contemplando, principalmente, prédios públicos, igrejas e domicílios de pessoas que compunham uma elite econômica. Tais serviços tiveram pouco ou nenhum impacto nas populações pobres e moradores de cortiços. Assim, mais uma vez emerge o questionamento sobre o desenvolvimento da cidade: para quem ela é produzida?

Cabe esclarecer que a Companhia Inglesa "City Improvements" só atendia as moradias da classe abastada, da aristocracia e de prédios públicos, sobretudo na região central da cidade, enquanto a maior parte da população continuava a jogar os seus dejetos nos rios e na Baía de Guanabara (RODRIGUES, MIRANDA, 2014).

Uriarte (2014) aponta que as relações cotidianas expressam múltiplas contradições na construção deste espaço, entretanto, as diferenças reprimidas pelo espaço abstrato se mantêm, existem, resistem, emergem em outro tipo espaço. Onde? De preferência, longe das vistas do espaço normatizado pelo Estado. Os dados levantados mostram que a infraestrutura da cidade - em habitações e saneamento -, não acompanharam seu crescimento populacional. A FIRJAN (2017) aponta que os investimentos atuais na cidade ainda estão distantes do que se pode considerar proporcional com seu desenvolvimento demográfico, propiciando novas epidemias como cólera e febre amarela, tal como no livro *O Cortiço*.

Por fim, Berque (1998) afirma que a paisagem assume o papel simultâneo de paisagem-marca e paisagem-matriz. Nesse sentido, o livro *O Cortiço* detalha diversos elementos da sociedade do século XIX. Contudo, tais aspectos mostram-se ainda presentes no cotidiano da sociedade atual, sobretudo as desigualdades socioambientais.

A literatura concebe o detalhamento em seus enredos em cenas que nos colocam dentro do texto tanto enquanto palco dos acontecimentos quanto das relações acontecidas nestes locais (NETO, 2018). Portanto, torna-se interessante para geógrafos e geógrafas apropriar-se da literatura ao realizar pesquisas que busquem compreender as subjetividades da vida cotidiana e os aspectos que marcam aquela paisagem.

envolvimento vigente, de explicitação da vinculação entre justiça social e ambiental e de luta pela organização popular para exigir políticas públicas inclusivas e democráticas (LOUREIRO *et al.* 2003)."

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Brasília: Ministério da Cultura - Fundação Biblioteca Nacional: Departamento Nacional do Livro, 2016. (Originalmente em AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1890).

BORELLI, Elizabeth. **Transformações Urbanas e Desigualdade Ambiental na Grande São Paulo**. IPEA, 2011.

BRASIL. Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento. **Diagnóstico dos serviços de Água e Esgoto – 201**. Brasília: SNIS, 2015.

BRASIL. Lei nº 719, de 28 de Setembro de 1853. **Fixando a Despesa e orçando a Receita para o exercício de 1854-1855**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-719-28-setembro-1853-558713-publicacaooriginal-80217-pl.html>>.

BÊZ, Marcelo; FIGUEIREDO, Lauro César. **Algumas reflexões acerca da geografia socioambiental e comunidade**. Geosul, Florianópolis. 2011.

BRASIL. Decreto nº 8387 de 19 /01/1882. **Attendendo a urgente necessidade de melhorar o serviço da saúde publica**. Disponível em: <<https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1882-01-19;8387>>

BRUNET, Roger. **Le déchiffrement du Monde**. Belim, 2001.

CARNEIRO, Paulo; MIGUEZ, Marcelo. **Controle de inundações em bacias hidrográficas metropolitanas**. Annablume, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo, Contexto. 2011.

IBGE. **Pesquisa Nacional do Saneamento Básico: 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

ESTRADA, Adrian Alvarez. **O pensamento complexo em Edgar Morin - considerações iniciais**. Revista Faz Ciência, 2007.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO DE JANEIRO, FIRJAN. **Saneamento no estado do Rio de Janeiro – Cobertura e oportunidades de investimento**. Publicações Sistema FIRJAN, Pesquisas e estudos socioeconômicos. 2017. Disponível em: < <https://www.firjan.com.br/publicacao/lista/publicacoes.htm> >Nov2017

G1 GLOBO. **RJ chega a 150 casos de febre amarela em 2018; 60 pessoas morreram**. G1 Rio. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/rj-chega-a-150-casos-de-febre-amarela-em-2018-60-pessoas-morreram.ghml>>

GOMES, Marcus. **O cortiço e a cidade: discutindo e re-construindo a geografia das habitações coletivas no Rio de Janeiro oitocentista**. Anales del XII Encuentro de geógrafos de América Latina. Montevideo, Uruguai, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico**. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2017.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Edições Cosmos. 1954.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra.** Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988

LEFF, Enrique. **Pensar a complexidade ambiental.** In: LEFF, E. (Coord.). **A complexidade ambiental.** Trad. Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFF, Enrique. **Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental.** Olhar de Professor [online]. 2011, 14(2), 309-335. ISSN: 1518-5648. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68422128007>>

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora.** Ambiente e Educação, Rio Grande, 8: 37-54, 2003.

MACHADO, Cristina Simone; **As contribuições da teoria da complexidade de Edgar Morin para a formação dos princípios éticos.** UFPR, Curitiba. 2017.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. **Geograficidade e espacialidade na literatura.** GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 34, n. 3, set./dez. 2009. P. 487-508.

MELO, Mychelle Priscila de; LIMA, João Donizete. **Geografia e a literatura brasileira: percepção da paisagem nas obras de ‘O Cortiço’ e ‘Sertão sem Fim’.** Espaço em Revista, [S. l.], v. 20, n. 1, 2018.

MENDONÇA, Francisco A. **Geografia e meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 1a ed., 1993.

MORAES, Maristela Maria de. **Literatura e espaço: o imaginário em O Cortiço e Vidas Secas.** UNIJUÍ - Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado. 2012.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia.** São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NETO, José Elias Pinheiro. **Geografia e literatura: a paisagem ficcional em O mapa e a trama.** XIX Encontro Nacional de geógrafos - João Pessoa. 2018.

NOGUEIRA, Valdir. **Educação Geográfica e Formação da Consciência Espacial-Cidadã no Ensino Fundamental: Sujeitos, Saberes e Práticas.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

O GLOBO. **Os cortiços do Rio.** Agência O Globo. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/os-corticicos-do-rio-10704667>>

RAMALHO, Guilherme. **Saneamento: em busca de solução desde o século XIX.** O GLOBO. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/saneamento-em-busca-de-solucao-desde-seculo-xix-21183807>>

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; IPPUR/UFRJ; FASE, 1997.

RODRIGUES, Marinéa da Silva Figueira; MIRANDA, Antonio Carlos de. **História Ambiental: o saneamento da cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Revista Práxis. 2014.

ROSEN, G. **A history of public health**. New York: MD Publications, 1958. In: RIBEIRO, Helena. **Saúde Pública e meio ambiente: evolução do conhecimento e da prática, alguns aspectos éticos**. Saude soc. [online]. 2004.

RIO DE JANEIRO. **Plano de Saneamento Básico da Cidade Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. 2015.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel. 1985.

SANTOS, Julio Cesar Ferreira. **Os titãs do capitalismo na modernização do território brasileiro: intervenções urbanas e concessões públicas durante a Primeira República (1889-1930)**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales: Universidad de Barcelona. 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SILVA, Ana Livia de Almeida; NAZARETH, Emmanuelle Rodrigues de; ANANIAS, Gleison. **A geograficidade e espacialidade na literatura uma análise das obras Capitães de Areia e Vidas Secas**. Alfenas-MG, 2015

SWYNGEDOUW, Erik. **A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização-cyborg”**. In: ACSELRAD, Henri (org.). **A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. Rio de Janeiro: D, P & A, 2001.

TUAN, Yí Fu. **Espaço e Lugar. A perspectiva da experiência**. Difel. São Paulo, 2012.